

O Gaiato



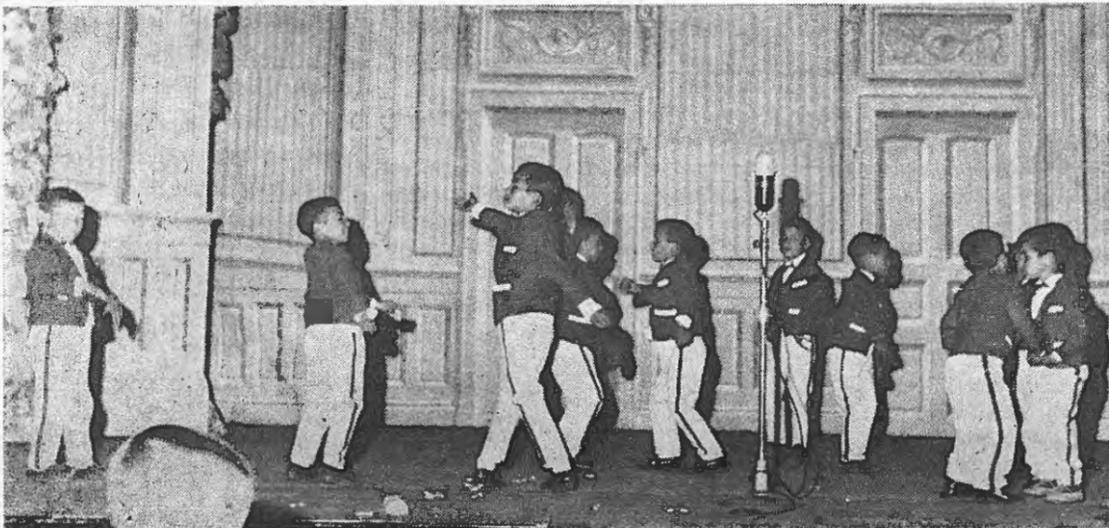
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

9 DE MAIO DE 1964
ANO XXI — N.º 526 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Os «batatas», lembrados do êxito do ano passado, repetem um apontamento de twist.

FESTAS

TÊM muitas facetas de encanto para nós. Sobretudo as de fora das cidades que mais vizinhas nos são, na medida em que revelam a devoção dos voluntários que por lá mexem e remexem para que tudo corra bem e a festa revigore a fé dos que já crêem e converta alguém que ainda não tivesse da Obra da Rua conhecimento ou, pior, que o assentasse sobre algum equívoco.

Agora que já foi o Coliseu (1.ª vez) e Lisboa e Setúbal e Coimbra e que nós já podemos dizer em justo louvor dos nossos Rapazes de como eles somaram quatro êxitos, — é raro o dia que não aparecem aí, por carta ou pelo telefone, recados das Comissões espontaneamente formadas por Amigos das outras cidades aonde iremos. Eles são os mais inquietos: empurram-nos, puxam por nós, apressados por verem as lotações esgotadas, com receio de que sejamos ou nos sintamos menos bem recebidos.

Querem ver uma amostra?...

«Nada tem que me agradecer pelos meus passos. Sou da família.

Da grande e vigorosa família do Gaiato. E à família nada se agradece.

Há, pelo contrário, obrigação de, por Ela, fazermos alguma coisa. Espero que a nossa festa tenha este ano o mesmo êxito que teve o ano passado. Tudo está a andar. No caso de precisarem de jantar aqui, no dia do espectáculo, peço o favor de me indicar o número dos que vêm, para eu preparar tudo, não vá daqui alguém com fome...»

Isto também faz parte da Festa, das nossas festas e por isso lhes queremos tanto.

Continua na TERCEIRA página

Areias do Cavaco

Estas Areias escaldam. E há pessoas que se deixam queimar por elas. E os queimados começam a dar sinais de vida. Que admira? Elas saem do coração em brasa. Do braseiro soprado pelos gemidos de irmãos nossos que padecem necessidade sem o merecerem; soprado pela afeição de dar pão e vestir e educação e amor a mais de 6 dezenas de rapazes, sem outros recursos, até este momento, que não sejam o seu trabalho, o nosso de podinte e o vosso de dar.

Por isso estas Areias queimam. Só os muito duros, os calejados, os insensíveis, os desumanizados continuam mortos, estrangulados pelo seu egoísmo, pelo desejo de prazer insaciável — primeiros responsáveis pela falta de paz. Por amor da Paz que tanto desejais ver restabelecida nesta terra que é nossa, amai e não fecheis os vossos corações.

E os queimados começam a dar sinais de vida; e a dar vida a coisas paradas. Vão aos armários e tiram de lá o que está a mais e mandam-nos. Mexem e remexem as gavetas e as malas e aliviam-nas. Ele há tantas coisas a estragar-se por falta de quem as use em vossa Casa! Vão às carteiras, corajosamente, e seguram o seu dinheiro repartindo connosco.

O «quanto mais damos, menos falta nos faz», não é palavra vã, para quem assim procede. Estas as contas do nosso rosário e não queremos outras.

* * *

Concerteza que vos apaixonas. Continua na QUARTA página

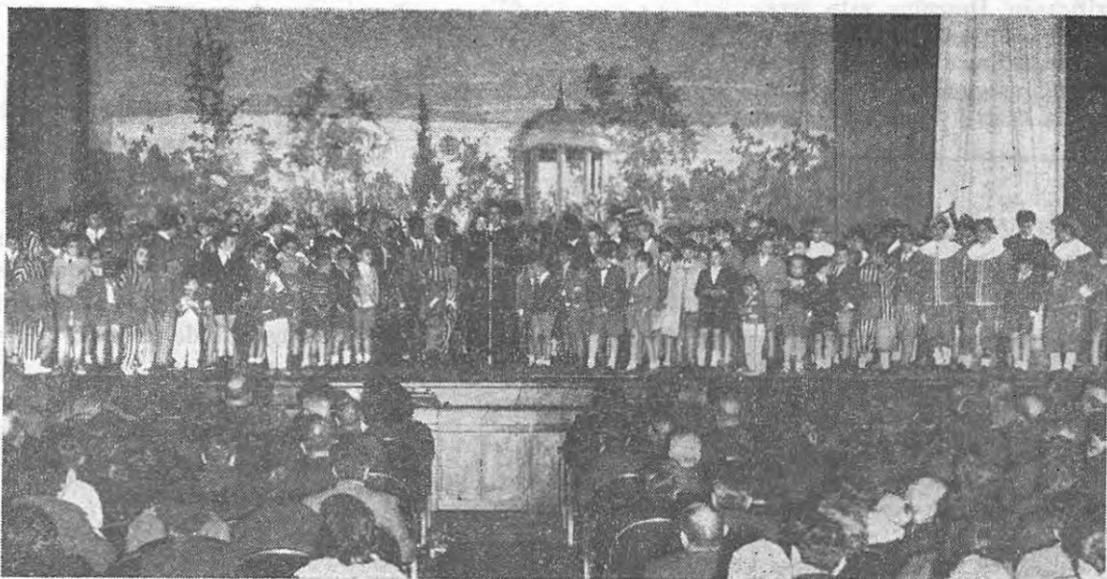
3-Abril-64

Padre

Paz e alegria no Senhor Jesus.

Envio 500\$. Era para entrar na «fraternidade sacerdotal», mas não posso. Os Pobres também não têm seguro de vida e continuam a viver. Parece-me que não devo estar mais seguro que eles. Era com esta quantia que devia entrar... Creio que aí ficam mais seguros. E eu seguro-me n'Ele!

Com um abraço sacerdotal e bem unido ao Divino Pobre, peço também uma oração».



Colaboração

Por falta de espaço não publicamos, nem publicamos ainda, toda a correspondência que fora escolhida para o último número de aniversário.

Não é tarde nem é cedo. Ela aí vai, plena de actualidade, e cheia do interesse e amor que emergem de corações apaixonados pelo «Famoso»:

«Chegou hoje o dia, embora muito tardiamente, pelo que penitencio, de eu vir satisfazer o pagamento da minha assinatura, pois já o devia ter feito em Janeiro do corrente ano. A falta de saúde — moral e física — deram aso a que eu me desleixasse dos meus compromissos deste género, claro está, pois não tinha forças nem vontade de escrever a ninguém. Lia sempre o «Famoso» (que recebo com regularidade) com satisfação e sentia um desgosto enorme, censurando-me intimamente por não pagar uma dívida de gratidão, pois não é com o dinheiro que se pagam joias que não têm preço, portanto o «Revolucionário da Paz» — chamo assim ao «nosso» «Gaiato» — é o único jornal português que explana as Verdades de Jesus Cristo com verdade... nua e crua. A sua doutrina, escrita com tamanha naturalidade e suavidade, é inconfundível, difundindo claramente a rota da verdadeira Caridade e Humildade que o Mestre ensinou aos seus discípulos e que o malgrado Pai Américo tão pródigoamente explanou, para, felizmente, a semente germinar em terreno fértil, através dos continuadores da Obra da Rua. Leio com frequência no «Famoso» que a «assinatura será paga quanto, quando e como cada assinante quiser». Oh, jamais se viu tanta clarividência na maneira psicológica de tratar os devedores. Se não houvera lido essa máxima da Casa várias vezes, talvez hoje não tivesse coragem de vir satisfazer a minha dívida e talvez tivesse feito uma asneira muito grande: — mandar suspender o jornal que todos os portugueses, sem distinção de classes e credos, deviam ter como leitura de Meditação e Purificação. Desculpe este arrazoado. Junto envio 50\$00 para a assinatura e conto em breve mandar algumas novas assinaturas. Deus o permita».

Visado pela
Comissão de Censura



«Meu marido é assinante do Gaiato há já muito tempo; aqui atrasado escreveu para aí dizendo que não podia continuar a ser assinante em virtude de se encontrar desempregado; teve como resposta que continuasse a ter o jornal na mesma e quando pudesse depois pagaria; meu marido já se encontra a trabalhar com um ordenado pequeno mas com ajuda do Senhor cá vai chegando».

Começo então a mandar 10\$00 por mês para amortizar o débito de meu marido para com o jornal do Gaiato; eu sei que é pouquinho mas um dia que eu possa não me esquecerei dessa grande Obra.

Mesmo assim estes 10\$00 mensais são tirados do ordenado que meu marido me dá para as despesas da casa.

Faço isto sem ele saber porque quando estiver em dia, quero dar-lhe a alegria de lhe dizer que já não está em atraso para com o nosso jornalzinho, jornal que eu leio de ponta a ponta.

Pedia o favor de quando tiver tempo de me mandar dizer quanto devemos, peço também para vir em meu nome porque como digo quero fazer isto para surpresa de meu marido».

«Como mudei de residência, pedia-vos o favor de mandardes o jornal (Será pecado chamar-lhe o Quinto Evangelho?) para a Rua... Coimbra (e não para Aveiro). Entendidos?».

«Princípio do ano, estamos em tempo de pagar as assinaturas... Não é propriamente o caso com o nosso Gaiato... mas pelo sim e pelo não, aí vai um vale de cem dele, prá ajuda do papel e da tinta, durante este ano. Se a vossa desorganização organizada, admite a possibilidade do envio de um avisozinho de recepção só para eu ficar mais descansado, seria bom... se não, é bom também!»

Com muita gratidão, por mais um ano de doutrina, despeço-me no Senhor».

dos Leitores

«Depois de uma grande ausência aqui estou de novo a enviar uma pequena quantia de dinheiro que é a primeira deste ano. São apenas 150\$00 dos quais quero pagar a assinatura de 1962 e 1963 sendo o restante para os sucessores do Pai Américo empregarem naquilo que entendam, pois melhor que eu sabem distribuí-lo. Gostaria de enviar muito mais e mais, mas o meu ordenado é pequeno e também não tenho para dar tanto quanto desejo».

Tenho quase 26 anos, não tenho mãe já há mais de 7 anos, vivendo sozinho com meu pai que conta 71 anos de idade, porque os meus irmãos vivem todos longe da nossa aldeia. Como verificam, ou pelo menos assim me parece, tenho grande necessidade de casar, não só porque não temos nenhuma mulher para tomar conta da nossa casa conveniente, mas também porque como rapaz católico que sou e com vontade de viver sempre na Graça de Deus se me torna bastante difícil dada a minha profissão, pois sou cobrador de água da Câmara do meu Concelho e infelizmente algumas pessoas quase me fazem perder o juízo. Devo dizer-vos que desde que Deus me chamou a frequentar o Curso de Crisandade em Abril do ano findo e com a Sua ajuda a minha vida conseguiu modificar-se completamente, vivendo desde então quase sempre na Sua Divina Graça, e pelo menos no que diz respeito à Castidade que para mim não tinha valor até essa altura, parece-me que nunca mais ofendi o Senhor o que é para mim uma felicidade extrema. E quando alguns rapazes me falam admirados, na minha transformação, a resposta é esta: vê-me agora mais triste por isso? — Não, — continuo dizendo que pelo contrário agora é que sei o que é viver feliz, porque toda a minha vida corre melhor,

Espero brevemente tomar conta de um novo serviço, no qual me parece ter possibilidades de maior ordenado, não devo mesmo duvidar disso, pois todos os dias peço ao nosso Pai do Céu e irá dar-mo, pois Ele disse: «Pedi e ser-vos-á dado».

Resta-me agora pedir desculpa do tempo que tomei e pedir-vos para rezarem por este vosso irmão um Pai Nosso para obter daquele que nos conforta e de quem dependemos uma melhoria financeira para que possa constituir um lar, se for essa a sua vontade e quando Ele o entender, e ainda para me ajudar nos meus estudos. Mais uma vez peço desculpa do tempo que estou tomando mas estou a falar com um irmão pois pertencemos ao Corpo Místico de Cristo e estou a ser levado pelo entusiasmo. Falei atrás nos estudos e agora quero dizer-vos que graças a Deus estudando muitas vezes quando deveria dar ao corpo o descanso que deseja e necessita já tenho a secção de ciências do 2.º ciclo liceal e se Deus me ajudar este ano ficarei com o 5.º ano liceal completo.

Já uma vez transcreeveram no nosso jornal uma das minhas cartas, isso por um lado alegrou-me, mas não sou digno de ver o meu nome escrito no jornal mais maravilhoso e mais divino talvez entre todos».

«Pesso desculpa de deixar atrazar o pagamento de o jornal, mas quando fiquei acinanta era solteira e vivia melhor agora sou casada e tenho já 6 filhos vivo muita atrapalhada com a minha vida pois o meu marido é doente e anda sempre em dietas mas não quero deixar de ser acinante de o Gaiato quantas vezes ele me dá alento na minha amargura mando agora 20\$00 e no próximo mês mando mais e assim ficarei em dia, pesso desculpa da massada e de alguma falta na minha carta. Pesso que me obencoe e me perdoe».

«Ao ser festejado o novo aniversário do «Famoso», vibrante porta-voz da Casa do Gaiato e dos seus buliçosos moradores, gaiatos que serão por graça de Deus e da bondade de Pai Américo bons homens e portugueses de amanhã, é com vivo prazer que saúdo V., ao mesmo tempo que rogo ao Senhor as maiores bênçãos para essa Casa, para o seu jornal e para a Obra da Rua».

«O vosso aviso veio lembrar-me que o tempo passa depressa. Não há dinheiro que o detenha!...»

Junto um cheque de Esc. 100\$ sobre o Ultramarino do Porto para ficar com as minhas contas em dia com o «Gaiato».

Que as mãos lhes não doam e a tinta se lhes não acabe!»

«Aqui vão 50\$00, para colaborar na solução do caso apresentado na última Nota da Quinzena, e fiquei contente de saber que teve várias respostas a sua antecedente nota. Não hesite em fazer estes apelos, Senhor Padre, lembre-se que através deles não só ajuda os pobres, mas também ajuda os ricos, que tanto precisam que os ajudem a alargar alegremente os cordões da bolsa. Nós, que temos, precisamos tanto de dar como os outros de receber. É bem certo que, ao pé de casa, temos muito a quem auxiliar, e mais todas aquelas cotas mensais que pagamos, mas que acabam por ser, para nós, muitas vezes vãos de sentido, porque não nos dão o contacto com a necessidade.

Pena tenho que os casos contados sejam todos do Porto, pois gostaria, e seria utilíssimo, ajudar os de Lisboa, onde vivo — útil para eles e para nós. Tenho verificado, pelo meu caso pessoal, que Deus me traz muito mais alegrias quando ajudo meus irmãos, e que o que dou não faz falta. Vamos continuar».

COLISEU DO PORTO

10 de Maio

Às 18,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. do Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu.

Cantinho de MALANJE



Por
**PADRE
TELMO**

Atenção — Luanda!
Na Lello está «O Gaiato» à venda! Passem por lá e comprem.

Que pena temos não poder ir gritar «O Gaiato» nas ruas... Há-de chegar o dia.

Também na Lello podem deixar qualquer donativo em dinheiro, roupas ou géneros. Cá virão ter. E nós precisamos tanto! Vamos construir a nossa Aldeia... Se cada leitor nos der uma telha — o Senhor lhe dará cent.

Carlos Falcão todo se mata! Ele queria uma cidade grande — com fábricas e eléctricos «para despachar». Mesmo assim, é o rei da venda. Conquistou Malanje e Salazar. A simpatia com que os nossos vendedores são recebidos, encantam-nos. Há dias, à porta do Café «Rodrigues», saiu-me um senhor: «Olhe, comprei «O Gaiato»; temos de ser todos, todos unidos, amar-nos uns aos outros». As suas palavras ficaram-me no coração. De facto, quanto mais amor e compreensão houver entre todos, mais felizes seremos.

O Nelo é muito amigo dos animais. Dos cães, dos peixes da lagoa e das avezinhas, que são tantas na quinta! Disse-me que vai colocar a etiqueta: «É proibido matar os passarinhos». Talvez ele dê licença para os veados, as perdizes e os macacos...

Comunicamos aos habitantes de Malanje que a nossa quinta tem as portas abertas para todos, e, aos amigos que nos têm visitado, que o Neca começou a fazer um barco, que ficará à disposição de todos na lagoa. Diz ele que lhe leva 15 dias a fazer! Com certeza vai sair um cruzador.

O Senhor Manuel da Canãmbua ofereceu-nos telha para a nossa primeira casa! Se pudéssemos começar pelo telhado, era já amanhã... Mas não; primeiro — por pedra, cimento, tijolo, ferro... Meu Deus! Nunca mais lá chegamos! Alto, vigas já temos! Foi o Senhor José Gomes, que, ao visitar-nos, olhando eucantado para

o campo de feijão e de batata, onde antes era mata, nos disse: Assentem 5.000 para o vigeamento.

Da Câmara recebemos, também, muitas anilhas de cimento para as valas; do Aviário muitos ovos; dos Serviços Agrícolas muita ajuda.

Graças a Deus! que olha para todos — os que dão e os que recebem — com tanto amor e carinho...

Padre Telmo

O GRUPO DO TOJAL



EIS OS FESTEIROS DE MIRANDA DO CORVO

FESTAS

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

Da Figueira da Foz solicitam-nos, propõem-se a todos os trabalhos.

Em Viana só poderia ser no fim de Maio ou princípios de Junho.

De Amarante, o Manel-26, que é o vendedor de lá traz recados.

Vozes de várias origens pedem-nos que a Televisão transmita o espectáculo. Assim propusemos para o dia 10 de Maio às 18,30, quando fôr o 2.º espectáculo no Coliseu do Porto.

É a Direcção da T. V. que tem agora a palavra. Ora vejam os Senhores as graças que a gente tem a dar!



O CONJUNTO DE SETUBAL



SETUBAL

É hora e meia da manhã. Eu cheguei de uma reunião onde tratei de problemas de abandonados. A vida da Casa era despertada apenas pela luz dum lampião que ilumina a entrada e pelo aroma das laranjeiras que enchem o nosso átrio. Passei pela Capela onde contei ao Senhor todo o meu dia. Lhe dei graças, pedi perdão e me despedi. Der to-me a falar com Ele. O sono não me vem. Estou preocupado com este dia, que é já de ontem mas que para mim ainda é hoje. Oigo barulho na cozinha. É o Tãgira que vai para a padaria da Misericórdia onde é padeiro e se tem desempenhado bem. Consola-me extraordinariamente saborear a saída de um rapaz destes, a esta hora da manhã para um emprego. Quantas vezes ele faz o caminho que é de 7 quilómetros, de bicicleta a pedais, no meio da escuridão com frio e chuva de arrepiar? Quantas vezes?! Como eu saboreio!...

O barulho é conversa anima-

da, e não suspeito com quem seja. Levanto-me e vou ver.

É Tatunda que chegou da fábrica e se encontrou com a Tãgira na cozinha, e os dois aquecendo-se ao fogão apagado mas ainda quente com uma malga de café e pão expõem um ao outro a boa disposição que os anima.

Que beleza de encontro!... A dureza da vida que eles saboreiam já, torna-se suave na sua comunicabilidade. Um acabou o dia; outro começa o dia... À roda do fogão!... Eu saboreio, o valor do trabalho, o avontade da nossa Casa, a alegria deles e a presença do Senhor nesta Obra! Isto é a Casa do Gaiato.

* * *

Pisco veio agora dizer-me que faz hoje 17 anos! É quase uma obrigação que lhes imponho. Gosto imenso de saber o dia dos seus anos e viver o dia com cada um naquele dia! Costumo lembrá-los particularmente ao Senhor e conversar com eles sobre a sua vida íntima, os seus

problemas e o seu ideal. Quando eles mereçam, e merecem quase sempre, dou-lhes uma prenda. Pisco levou um relógio!...

Desassete anos é uma meta em nossas casas. O rapaz começa a ganhar! A ter a sua roupa! O seu abono por mês e o seu salário. É uma idade linda!... A idade dos ideais!... Dos sonhos!... Da alma escancarada às ilusões da vida!

Pisco tem sido um rapaz seguro e sério. O seu posto, a chefia dos tratadores do gado é ocupado com brio, bondade e trabalho!

Pisco anda um pouco triste por causa do mau funcionamento da «Escola de Tratadores de Gado»! E, não só ele; eu também!...

Fizeram-nos tantas promessas. Não cumpriram nenhuma. Agora sei que brincaram connosco. Nós não somos para brincadeiras!

Pisco tem ideal, gostava de o realizar sendo um bom tratador de gado!

* * *

A nossa festa foi um sucesso! A bilheteira esgotou-se. Ficou muita gente de pé e outros, os da última hora, não tiveram lugar. Os rapazes estiveram à altura.

A nossa festa foi uma afirmação de amor!... Eu ando contente não pelo facto de termos a alegria de encher a casa numa festa nossa mas por termos podido repartir e saborear o amor autêntico!

O Luiza Todi foi nosso. Os empregados também! Por nossa conta trabalharam a Polícia e os Bombeiros. As autoridades encheram-nos de amabilidade.

As finanças não perdoaram!

Padre Acílio



AGORA

Ei-la, uma vez mais, a *Procissão*, desta feita só com um andar: o das *Casas a Prestações*. É o grupo mais numeroso (só por si ele faz uma *procissão*!) que vai gerando amizade neste reaparecer de todos os meses. A muitos eu já conheço a letra, apesar de tantas que me caem sob os olhos. Quando eles acabarem as casas das suas prestações, a minha esperança é que fiquem com tantas saudades de as mandar como eu ficarei, se não tiver a sua visita periódica. Ora vamos lá!

Abre a Maria do Resgate, que, como nos últimos Janeiros, manda 500\$00. «São prestações para uma casa. Uma casa qualquer, sem nome». Que Deus guarde e console a Maria do Resgate.

Da Avenida João XXI, «aquí vão mais dois mil escudos para a Casa Fernando e Manuela que já há anos andamos tentando construir. Parece-me que fica em 16 contos. Propusemo-nos juntar os vinte mil».

O assinante 6790 apareceu cinco vezes: «Creio — a fazer fé nas minhas contas — estar já próximo dos dez contos. *Paulatim, sed, firmiter*, assim vamos com muita alegria, na esperança de alguma vez chegar ao fim».

O Alberto, do «plano decenal», aí aparece três vezes, com desculpas pelo atraso. Ele fez umas perguntas ao Júlio, que este depachou assim: «Não respondi por não saber a morada. Até Maio/63 temos 10 contos registados».

Amigo Alberto, na próxima remessa não se esqueça do endereço.

O Casal assinante 28562, aparece tantas vezes quantos os meses de Novembro a Abril. No fim do ano deram um salto de 10 prestações. Estão agora na 83.^a. Outro salto, agora sobre mares e continentes. É Cruz, da Beira, e a Casa Graças à SS.ma Virgem. De 11/10/63 a 8/4 passado, acho um total de 3.100\$00 em sete parcelas. Também precisávamos de saber se este Cruz é ou não, o assinante 18103.

Voltamos à Metrópole. É Escalões de Baixo com mil E assim fica a meio caminho da meta dos 12 deles que se marcou.

Aí estão de novo os «Sempre Noivos» com mais 400\$00 para a Casa de S.to António. Os noivos (de há vários anos já... e ainda, por graça de Deus) estão em Luanda. Ele serve o Exército por lá. Quem dera que todos os que por lá servem fôsem desta marca!

Mais 200\$00 para a Casa de N.ª S.ª das Candeias, e 6.ª prestação, de 500\$00, para a Casa de S. Carlos.

E o do «Rosário de casas», que acabou mais um mistério — *Oração* — e já leva 4 A. M. do 2.º Mistério doloroso — *Flagelação*.

O Engenheiro, da R. P.e Sena Freitas, nunca faltou desde 4 de Novembro a 6 de Abril.

O meu «Desconhecido», apareceu, silencioso e desconhecido como sempre, à porta do nosso Lar e deixou, para a Casa Pio XII: Dois contos em Outubro, 3 em Dezembro e 1 em Março. E a Casa Pio XII, vai ser muito em breve, se Deus quiser.

Para uma casa com o mesmo nome apareço de Castelo de

casa cujo título ainda não deu. Novo devoto.

Ora leiam:

«As portas dos sessenta anos e perdidas as esperanças de ter neste mundo uma casinha minha, resolvi oferecer os 12.000\$00 para contribuir para uma casa do Património dos Pobres. Mandei hoje um vale de 5.000\$00, na ideia de, logo que se ofereça oportunidade, enviar mais. Gostaria que essa casinha se chamasse «Da Querida Madrinha» em homenagem àquela que para mim foi uma verdadeira e carinhosa mãe.

Sou natural de Ilhavo e fui criada em Aveiro. Se naquela via a luz do dia, afeiçoei-me muito a esta e gostaria que a casinha lá ficasse. Mas, se não puder ser ou houver outra conveniência maior, pouco importa o lugar, o que é preciso é dar abrigo a Alguém».

O doutrina! Ó Caridade vivida com uma humanidade transfigurada pelo dom divino que Ela é!

Pois os 12 mil já se juntaram e a casinha vai ser não sei ainda onde, mas decerto não em Ilhavo porque há lá muito dinheiro e talvez ainda não muitas casas, justamente por causa de muito dinheiro.

Paiva uma Maria com 100\$00.

Outra vez África. É Nam-pula, para a sua Casa com mais 1.528\$50 e uma lembrança pró Calvário.

E de novo a Beira com mais mil para o Casal Maria José. E ainda a Beira com 1200\$00 para a Casa N.ª S.ª da Boa Hora. A Beira é o Porto de Moçambique: incansável.

«Um assinante», de Lisboa, ficou na 50.ª de 100\$00 e previne que «deverei agora interromper, pelo menos durante algum tempo». Deus permita que não seja por nada de grave e depressa possa voltar ao nosso convívio.

1000+2000, para a Casa Adozinda e Mário.

Da Nespereira, para a Casa N.ª S.ª do Rosário, 300\$00 em 25-11-63 e o mesmo 23-1-64 e outra vez em 6-4, com desculpas «por só agora satisfazer o pagamento da 1.ª prestação deste ano, mas as coisas não correm como a gente quer...».

Mais mil para a Casa Jesus consolai os que sofrem. «Na minha conta faz 3.500\$00. Será?» Júlio confirma. Depois destes mil outros vieram e portanto está em 4.500\$00.

Não sei se esta será a mesma «Pecadora», que no meio de grande sofrimento, «ando, há muitos meses, a poupar para lhe mandar mil escudos para uma casinha dum pobre mais pobre do que eu...». Ó heroísmo!

E de novo ela apareceu em Fevereiro com 200\$00.

A Casa de S. Francisco fica na 46.ª fiada. Helena, sua construtora, tem de deixar de ler «O Gaiato», senão, qualquer dia, vai no eléctrico e não tem pró bilhete.

Aquela matozinhense da Casa à Minha Mãe, sempre acabou, ao fim de quarenta e não sei quantas prestações de mil. Que devoção!

E agora ei-la, de novo, com 5.000\$00 para alicerce de nova

Pai Américo não se enganava ao chamar-lhe estorvo!

Palmira, da Malveira, continua por lá a juntar escudos e desta vez, «por ser princípio de ano e algumas pessoas quiseram dar os escudos de um ano é bastante mais do que usamos mandar: 100\$00». Que rico o sabor das migalhas!

M. M. — A. L. ci-los outra vez com duas vezes mil para a sua 2.ª Casa.

100\$ para a Casa Seja louvado N. S. Jesus Cristo.

O dobro da Maria Helena, de Torres Novas, «para juntar a 400 que já mandou por duas vezes».

Em 16/Fevereiro, mil de «uma anónima do Cartaxo», que assim começa e deseja prosseguir com igual remessa todos os meses.

Agora é Lisboa em favor de Coimbra.

«Em cumprimento duma promessa que Deus me permite cumprir, venho enviar-lhe a quantia de quinhentos escudos, envio que se repetirá durante dois anos.

Lendo no vosso jornal de 28 bra» comoveu-me profundamente o pobre assalariado encontrado à esquina da Câmara pelo Sr. P.e Horácio, pedindo-lhe uma casinha para si, sua mulher doente e seus oito filhinhos.

Poderá o dinheiro que hoje começo a remeter servir para a construção dessa casinha?

Se já houver algum benfeitor que a mim se tenha antecipado, gostaria que fosse então o dinheiro aplicado a favor do outro

doente de Coimbra citado no mesmo artigo».

Desde então todos os meses a Alda aí está.

E o desfile de hoje, que vai tão longo, termina com várias Mães que realizam em Caridade para com o próximo, seu amor materno!

É a Casa do António e do Fernando, que cresce com duas vezes 500\$00, ficando nos onze contos. Que o Senhor guarde em Angola, não sei se o António se o Fernando, que por lá servem.

A «Mãe que crê em Deus» não falhou com os seus 100\$ desde 5/XI/63 a 2/IV último. Deus vê quanto equilíbrio a quanta renúncia está nesta renda mensal de uma professora primária que vive em Lisboa, só do seu salário.

Outra vez Lisboa (agora é sempre Lisboa, até ao fim).

«Uma Mãe» para a Casa de S.ta Terezinha. Pelas nossas contas esta casa ficou em 1300\$, em 21/Março passado.

«A Mãe de um assinante», tem mandado para a sua «sonhada casinha» a prestação mensal de 250\$00 e, segundo as suas contas, fica, com a remessa de 23/Março, em 5.200\$00.

Finalmente a Maria Antonieta para a Casa das três Marias (que assim pede e se ficará chamando), com 400\$00 de uma vez e 1000\$00 da outra. Fica em 2500\$00. «Por este andar quando chegarei ao fim?» Em verdade já chegou, por via do seu desejo e do sacrifício com que o vai realizando.

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

tes pela sorte do Sebastião, das últimas Areias. Descansai. O Sebastião já não passa mais fome, nem apodrece embrulhado em seus farrapos. O peixe que nos dáis, mais a farinha do nosso milho, mais o açúcar que nos pondeis em nossa Casa e o café que compramos e as roupas que nos mandais são também a riqueza do Sebastião.

Os pobres pedem a nossa presença em casa deles. Coitados! Nem sequer dão conta da miséria em que vivem. E isto é um mal. Um mal muito grande. Eles são as primeiras vítimas e nós vítimas também. A insensibilidade deles leva-nos a esta posição cômoda: «a vida deles é assim; estão habituados; não vale a pena fazer nada». E não é verdade. A maior parte vive em piores condições que os animais. E são homens como qualquer de nós.

Aná-los assim como eles são, no meio de toda a sua miséria, é o primeiro passo para o seu resgate.

Se visseis a alegria com que nos convidam e vêem entrar em suas palhotas, ajudar-nos-ias muito, para não irmos de mãos vazias.

* * *

Venda de «O Gaiato». Não sei por onde começar. Se pelo carinho com que Benguela e Catumbela têm acolhido este «revolucionário», se pelo entu-

siasmo febril com que o Lobito o devora, se pelo interesse dos nossos pequenos vendedores. Olhai, os 1.500 já não chegam! Já perguntei aos nossos vendedores se podia pedir 2.000 a Paço de Sousa. Que sim! Eu confio neles. Leitores, lede «O Gaiato». Não vos contenteis em adquiri-lo. Este é o primeiro passo mas não o mais difícil, para alguns de vós. Dai o segundo — lede-o! Tem acontecido que os pequenos chegam a casa e me dizem: «Ojerçemos um jornal a um Senhor e ele disse que não tinha dinheiro e nós demos-lhe o jornal». Não os censuro por isso; antes os louvo. É que «O Gaiato» é escrito também e sobretudo por amor de vós.

Quero tranquilizar-vos, além disso, quanto à honestidade dos pequenos. Mais que uma pessoa me falou da preocupação que tinha pela sorte do que dava a mais pelo jornal. «O pequeno entregará, não entregará?...» Ficai tranquilos. Depositai confiança neles. Se visseis o interesse como que põem o dinheiro na mesa na hora das contas! De um lado o dos jornais; do outro o dos acréscimos. A atenção vai toda para os acréscimos. «Hoje fui eu o camisola amarela dos acréscimos! Houve um senhor que me deu 50\$00 pelo jornal; outro 20 e outro 10». E por aí fora. Se assim não fosse e se não nos movesse outro fim além do económico, não poríamos o jornal na rua, pois mais de metade do seu

custo vai para o transporte da Metrópole. Sede generosos! É maneira de amardes os pequenos que se vos dirigem.

* * *

E agora, as nossas contas. Melhor, as vossas contas. Temos recebido mensalmente os 200 litros de gasoil da Fina, mais 200 da Mobil, mais 200 da Sacor. Queríamos acrescentar 200 da Shell mas não podemos. Que pena! Na nossa missão de pedintes, temos de ir preparados para o sim e para o não. E sempre de cabeça levantada. Aguardamos agora, resposta da «Texaco». Se todos nos dessem o sim, sem sermos pesados a ninguém, víamos o nosso problema de combustíveis resolvido. Semanalmente vamos pelo peixe para todos os dias da semana. Os 1.000\$00 do costume da C. B.. Mais 700\$00 que pessoa amiga nos entregou — prémio de uma corrida de automóveis. 100\$00 em carta registada na Catumbela. Mais cestos de hortaliça de Cutato e laranjas e limões. A «Canada Dry» tem sido de uma generosidade sem limites. A EPAL vem todos os meses com 5 malas de peixe seco. A Companhia de Cimentos de Angola brindou-nos com mais 50 sacos do dito. Mosaicos e azulejos da fábrica do Senhor Engenheiro Silvério do Lobito. Temos batido a outras portas e nunca nos dizem não; 1.600\$ de pessoa muito nossa que ora está no Norte de Angola. Padre Manuel António

